

# A trama da vingança em certo *Abril despedaçado*\*

(The plot of revenge in a certain *Behind the sun*)

Fabiola Luz\*\*  
Vera Silvia Raad Bussab\*\*\*

## Resumo

O presente trabalho apresenta uma análise do filme *Abril despedaçado*, de Walter Salles, visando ampliar a compreensão dos elementos constituintes da idéia de vingança, a partir de conhecimentos das áreas de Antropologia e de Etologia. A narração do filme, ambientado no sertão brasileiro, é pontuada por citações do romance homônimo, original, de Ismail Kadaré (1991), cuja história se desenrola nas montanhas da Albânia. Esse recurso, como uma trama constituída por duas paisagens tão díspares, acrescido do relato de mitos do panteão grego, ilustra a universalidade do tema da vendeta e aproxima nossa investigação da vertente biológica do comportamento humano. A trama utilizada revela também diferentes roupagens com que cada cultura apresenta, justifica e explora seus temas eternos. E é justamente nesse domínio, o cultural, traço também selecionado pela espécie, que o trabalho sinaliza a possibilidade de melhor encaaminhamento de prontidões instintivas, como a da vingança aqui investigada.

Palavras-chave: Antropologia; Etologia; Vingança.

“... só construía uma morte, sua única propriedade neste mundo”. [Ismail Kadaré, *Abril despedaçado*]

**E**ste trabalho procura apresentar uma análise do filme *Abril despedaçado*, dirigido por Walter Salles,<sup>1</sup> valendo-se de conhecimentos das áreas de Antropologia e Etologia, para possibilitar melhor compreensão dos elementos principais que se concatenam na idéia de vingança e se relacionam com o princípio fundamental de manutenção da vida.

• Texto recebido em jun./2004 e aprovado para publicação em set./2004.

\* Agradeço ao Professor Renato da Silva Queiroz, cuja orientação generosa tornou possível a realização deste trabalho.

\*\* Médica-psiquiatra, aluna do Programa de Mestrado em Psicologia Experimental da USP/SP. e-mail: fabiluz@terra.com.br

\*\*\* Professora Livre Docente do Departamento de Psicologia Experimental da USP.

<sup>1</sup> Quando necessário, também recorreremos ao livro homônimo do albanês Ismail Kadaré, no qual se baseou o filme.

As duas histórias, a do filme e a do romance homônimo, repetiram-se inúmeras vezes nos registros da humanidade e tratam, a rigor, de uma só vendeta: a do homem sob determinada condição social, biológica, mítica, de um ser ameaçado pelas mesmas circunstâncias que o definem, limitam, mas não o absolvem. Tonho, no Nordeste brasileiro, Gjorg, nos montes malditos do Norte da Albânia, na primeira metade do século XX, são personagens do mesmo drama, destinados a vingar o sangue do parente morto e a ser assassinados, na seqüência, pela família oponente; partes apenas de um ciclo infundável, geração após geração, em que os homens se matam por vingança, numa espécie de guerra privada com seus códigos e valores determinados.

A tragédia se desenvolve no período aproximado de um mês, tempo entre um assassinato e a obrigatoriedade de sua vingança. Percorreremos, naquele março/abril fatídico, os caminhos áridos de Tonho. E recordaremos, sempre que possível, as geladas montanhas albanesas, atravessadas por Gjorg, protagonista do romance.

Estritamente, as fases desse acidentado percurso são:

## PRIMEIRA MORTE

A primeiríssima morte, de fato, ocorrera décadas antes, nas duas histórias. Na de Walter Salles, o avô, o tio e o irmão mais velho de Tonho foram mortos por questões de honra, reivindicando terras que lhes foram tomadas pela família oponente. A família de Tonho, os Breves, vive do plantio da cana-de-açúcar e do seu beneficiamento, isto é, a produção de rapadura. O pai, a mãe, Tonho e o irmão mais novo, o “menino”, constituem a família. Tonho vinga a morte do irmão mais velho, marcando o começo da história. Por outro lado, na história albanesa que serviu de base para o filme, Gjorg é também remanescente de uma sucessão de mortes de seus ancestrais, acarretadas inicialmente pela observação rígida de um código moral, o Kanun, que tem como princípio a proteção do amigo. Pouco se fala da família Berisha, ficando seus contornos sugeridos pela ação positiva do protagonista. Sabemos, no entanto, que o pai é uma figura que dá as ordens. Gjorg também vinga a morte de um irmão.

Duradouras brigas de família são relativamente comuns em zonas rurais no Brasil, a rigor até os dias de hoje, e delas temos tido registros relevantes, haja vista a farta e rica tradição literária, jornalística e artística que se baseia no regionalismo, da qual são representantes Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, entre muitos outros. Por outro lado, pelas pesquisas de cunho sociológico, sobretudo *Lutas de família no Brasil*, de Luís

de Aguiar, ficamos sabendo que “a evolução das organizações sociais humanas parece ter-se feito de modo que a comunidade de sangue precedeu a comunidade de território” (Pinto, 1980, p. 3). Isso quer dizer que, muito antes de toda a complexa estrutura social que se organiza em torno da idéia de cidade ter-se estabelecido, havia outro núcleo social, a família, cuja formação foi auto-suficiente e deu as diretrizes básicas para o surgimento daquela. No caso da formação da sociedade brasileira, associe-se à supremacia desse laço de sangue a inexistência ou existência precária de um poder estatal suprafamiliar com autoridade e força suficientes para administrar a justiça – situação agravada por nossa vasta extensão territorial. Há que se considerar, ainda, os traços de rusticidade comuns aos núcleos de povoamento rural, tanto do Nordeste como do Sul do País, conforme citação de Antonio Cândido (1971):

... são robustos, fortes e sadios, e capazes de sofrer os mais intoleráveis trabalhos. Pelo contrário, os seus vícios são a presunção e a desconfiança, o ódio e a vingança, e sobretudo uma preguiça que excede toda a explicação, mas tem um grande temor da prisão [...]. [têm] o depravado costume de matarem por qualquer coisa muitas vezes sem se saber a causa e o motivo. (p. 41)

Resgatando aqui alguns dos elementos essenciais citados e necessários para compreender a instalação do dever da vendeta, temos: a forte tradição beligerante e familiar, a incontestável hegemonia dos laços de sangue sobre os valores da civilidade social, a dificuldade e a fragilidade do estabelecimento de forças estatais de controle e repressão, e, por fim, as dimensões continentais do Brasil. Ora, nessas condições, uma mera ofensa pessoal, um mal-entendido, até para não falar dos casos mais graves de disputas de terra, ou ainda o envolvimento com questões políticas, podem funcionar como estopins que desencadeariam nos clãs envolvidos verdadeira guerra privada. Pode-se observar, hoje em dia, que essa mesma predisposição bélica das famílias é inflamada, muitas vezes, por questões políticas. A esse respeito, Marques (2002) comenta:

Nos conflitos sobre os quais me debrucei, observo, com efeito, uma correlação entre a dimensão do conflito, medida pelo contingente de indivíduos e grupos que tomam parte diretamente na questão, e a intervenção de personalidades investidas de funções públicas, detentoras de prestígio. Contudo, a maior dispersão e publicidade, mesmo a sobredeterminação de fatores políticos, não me parece que constituam elementos que modifiquem a natureza de uma briga de família. (p. 419)

O filme mostra uma família que vive e trabalha isoladamente em zona rural. As relações sociais extragrupo se estabelecem sobretudo no momento em que os homens vão à cidade mais próxima para comercializar o árduo produto do

trabalho e único meio de sustento deles: a rapadura. Na fazenda empobrecida dos Breves, o pai, a mãe e os dois filhos trabalham sem trégua. Destaca-se, na área externa da casa, uma bolandeira, equipamento rústico comum em zonas canavieiras do Brasil, no começo do século XX, cuja estrutura lembra as engrenagens de um relógio. Para o seu funcionamento, dois bois põem em movimento, por tração, um grande círculo dentado, de madeira, horizontal, acoplado a um eixo central, vertical, afixado no chão; o círculo movimentava outro menor, que faz girar a moenda e despedaça a cana, liberando, por um lado, o caldo, pelo outro, o bagaço (Butcher & Müller, 2002).

O engenho, célula social remanescente do período colonial, é o foco para o qual convergem todas as forças produtivas e a esperança da família no trabalho; é em torno dele, por meio dele, misturando-se a ele e, ao cabo, extraindo dele a reposição das expectativas de reforço dos laços familiares, que os membros desse drama sobre o qual nos detemos expressam um dinamismo de particular importância. Pois, a capacidade de auto-subsistir, que aqui aparece, sempre esteve na base da família patriarcal em todos os tempos e lugares nos quais se formou, e delas é que decorrem os laços todos – morais, religiosos, jurídicos, políticos que, integrando fortemente os indivíduos ao orbe doméstico, fazem desse tipo de família uma estrutura política quase completa (Halbwachs, citado por Pinto, 1980).

É nessa organização caracterizada por monocultura, latifúndio, e, acrescentando-se, escravidão – impossível aos Breves sustentar, dado o visível empobrecimento – e “nas relações de produção que lhes estão na base que se vão encontrar as causas profundas da estrutura, organização, forma, espírito e tendências que a sociedade brasileira apresentou no período colonial” (Pinto, 1980, p. 24), e de que as famílias dessa história são herdeiras.

Além da cultura do açúcar, a citada região do Nordeste focalizada pela trama propicia também a criação de gado bovino. O agreste, território limítrofe entre a zona da mata e o sertão, é, por excelência, zona de transição, o que parece conter referência à própria situação das famílias envolvidas – entre a morte e a vida, entre este mundo e o do além. Ali vivem os Ferreiras da pecuária, perto dos Breves, em fazenda mais abastada. As cenas do filme mostram que a condição de vida dessa família é melhor do que a dos Breves: sua casa é maior, mais bem mobiliada, tem empregados, eles são mais bem vestidos, e a criação de gado tem infra-estrutura mais organizada. A câmera, ademais, passeia por terras bem mais vastas. Existe franca superioridade dos Ferreiras em relação à condição de vida de seus inimigos, os Breves. A idéia de que é “a família-grande, hipertrofiada e multifuncional, em que os laços de sangue se aumentavam pelos da servidão que, sendo a unidade econômica colonizadora do Brasil, fez-se centro e

núcleo, quase absoluto, da vida social” (Freyre, citado por Pinto, 1980, p. 25), traduz-se melhor com os Ferreiras.

Seria lícito, num primeiro momento, esperar colaboração entre as duas famílias, já que, mesmo vivendo isoladamente, gozam de certa vizinhança. Ao produzirem bens diferentes (rapadura e leite), poderiam estabelecer relações de ajuda. No entanto, falta, nesse caso, o fundamento consensual que poderia fornecer o lastro necessário para a inter-relação, uma vez que “a caracterização sociológica da relação comunitária se baseia na existência de um consenso, da recíproca determinação das vontades e da inclinação, em um mesmo sentido, das pessoas que dela participam” (Franco, 1997). Incoercível sina da herança inapelável de mortes sucessivas, o compartilhamento acontece em apenas um e triste aspecto: o compromisso com o passado no qual foram amputados, e a conseqüente obstinação que mobiliza suas vidas na vingança.

Do ponto de vista etimológico, “vingar” vem de *vindicar*, reclamar a restituição de uma coisa perdida, exigir a restituição de um direito e causar a punição ou o castigo, se assim se julgar necessário. É também obter desforra de uma ofensa recebida, ou algo que é visto como tal, punindo o ofensor; significa ainda resistir vivo, crescer, desenvolver-se. E, em sentido figurado, realizar-se, produzir resultado, sair vencedor, conseguir, lograr, ultrapassar, vencer, transpor, chegar a, atingir, galgar, declarar-se satisfeito. A vasta sinonímia chama a atenção inicialmente para a possível ligação entre duas acepções: a que diz que vingar é obter desforra de ofensa recebida, e a que afirma que vingar é persistir na existência, realizar-se, sair vencedor. Os sentidos, concentrados na “busca da desforra do outro” e somados aos significados do “êxito na própria existência”, podem fornecer linhas gerais sobre as quais tentaremos sugerir, ou iniciar, uma compreensão do fenômeno expresso nesse *Abril despedaçado*.

Encontramos uma espécie de complemento semântico a essa idéia de vingança na literatura de cordel, na história de outro nordestino. O recurso pareceu-nos produtivo na medida em que a constituição poética permite preencher as lacunas de uma compreensão linear e muitas vezes torna belo o inefável.

Eu hoje podia ser  
Um distinto cavalheiro  
Meu pai foi assassinado  
Devido a não ter dinheiro  
Eu para me ver vingado  
Fiquei sendo cangaceiro

[...]

Não foi tanto por instinto  
Mas sim por uma vingança  
Porque mataram meu pai  
Minha única esperança  
E eu vingar sua morte  
Pra mim era uma herança.  
(Barros, 1980, p. 2, citado por Curran, 1998, p. 66)<sup>1</sup>

O comportamento vingativo não é privativo da espécie humana. A memória do dano recebido e seu revide consecutivo é fenômeno encontrado vastamente no reino animal. O conhecido trabalho de Goodall (1991) fornece inúmeros exemplos desse comportamento entre os chimpanzés; tal performance parece ter a função de manutenção do poder entre aqueles animais. Relembramos aqui a conexão proposta no parágrafo anterior entre revidar e sair vencedor, ou seja, as idéias coexistentes no conceito de vingança: ora a desforra, ora a garantia da manutenção da própria existência.

Estudos de etologia animal (Aurelli & Dewart, 2000) afirmam também, por outro lado, que os animais sociais não só se vingam, mas também resolvem seus conflitos, lembrete importante para afastar qualquer justificativa da agressão como um legado natural e único, que, portanto, justificaria toda a barbárie. Retornando à vingança, as considerações da perspectiva evolucionista podem levar à suposição de que a agressão em sua forma vingativa deve ser um traço característico de comportamento dos animais sociais, inclusive do primata humano. Esse modo de reação parece ser típico e universal, deve contar com variações locais dependentes do contexto social a determinar quando e de que modo se pode vingar ou não se pode, mas o *leit motiv*, a vingança, ao final, deve permanecer o mesmo.

Na religião e no Direito gregos, *guénos* pode ser definido em termos latinos como *personae sanguine coniunctae*, quer dizer, pessoas ligadas por laços consanguíneos. Assim, qualquer falta, erro, crime, cometidos por um *guénos* contra outro tinha de ser religiosa e obrigatoriamente vingados. Afinal, no sangue derramado, está uma parcela do sangue e, por conseguinte, da alma do *guénos* inteiro. De fato, antes de registros históricos, há relatos de mitos de vários lugares do mundo, de várias épocas, que contam histórias de vingança. Na mitologia greco-romana, o tema aparece fartamente. As Eríneas, para os gregos, e as Fúrias, para os latinos, eram deusas violentas, verdadeiros monstros alados com cabelos entremeados de serpentes, com chicotes e tochas acesas nas mãos, prontas para castigar na terra e nos infernos, sua residência habitual, os in-

<sup>1</sup> Curran, M. (1998). *História do Brasil em cordel*. São Paulo: Edusp.

fratores de determinados preceitos morais, ensina-nos Juníto Brandão (1991, p. 352). De acordo com a *Teogonia* de Hesíodo, as Eríneas nasceram do sangue caído sobre Géia, quando da mutilação de Urano por Crono, que lhe cortara os testículos. Entre elas, é Tisífone, a que avalia o homicídio, a vingadora do crime.

As Eríneas teriam a tarefa, portanto, de promover a ordem social. Além disso, são divindades intimamente ligadas à Terra-Mãe, que, sendo uma deusa universal, é também seu o sangue que sobre ela se derrama, que então clama por vingança. O Corifeu das *Coéforas*, a segunda tragédia da trilogia esquiliana, a *Orestia*, é muito explícita a esse respeito:

É uma lei que as gotas de sangue derramado na Terra  
Exigem outro sangue, pois o assassinio clama pela Erínia,  
Para que, em nome das primeiras vítimas,  
Ela traga nova vingança sobre a vingança.  
(Coéf. 400-404) (Brandão, 1991, p. 354)

Sabe-se que, até a reforma jurídica de Drácon ou de Sólon, famílias inteiras se exterminaram na Hélade, do mesmo modo como parece suceder no sertão de nossa história, motivadas inicialmente por querelas fundadas na divisão de terras que desencadearam o primeiro assassinato, o qual justificou os seguintes.

Já na Albânia, a mesma resposta é eliciada por outra razão. De acordo com a complexa etiqueta da hospitalidade albanesa, o visitante que pede abrigo recebe acolhida, alimento e repouso; na manhã seguinte, quando prosseguirá a viagem, o hóspede deve ser acompanhado por um dos homens da família até os limites da aldeia. Se, por acaso, acontecer de aí tombar assassinado, reza a praxe: “Se acompanhas um amigo e ele é morto diante de teus olhos, a vendeta recai sobre ti” (Kadaré, 2001). O acompanhante é então obrigado a assumir a missão da vingança.

Ora, a presença desse estrangeiro hóspede acaba forjando um comportamento típico daquilo que em Etologia conhecemos como “altruísmo recíproco”, um sistema funcional reconhecido nos animais sociais. O comportamento altruístico, segundo Trivers (2002), deve ter sido um traço selecionado, visto que favorece a vida em grupo. É mais provável que tenha se desenvolvido em espécies de alta inteligência e de integração próxima e estreita (Crawford & Krebs, 1998).

O autor chama de “altruísmo recíproco” o comportamento vinculado à contrapartida benéfica para si próprio e/ou para seus parentes, por consequência, em última análise, para favorecer os próprios genes. Nesse momento, a associação com o *guénos* dos gregos citados anteriormente é automática. A severidade do código de hospitalidade albanesa parece ter, nesse sistema funcional,

nesse padrão instintivo, suas bases biológicas; e parece que, nesse comportamento, aquela cultura institucionalizou uma maneira de incorporar o estrangeiro à sua família, elemento que costuma, sem a dose de reverência necessária, ser rechaçado pela família patriarcal. Em termos de vantagem adaptativa, poderíamos pensar que esse costume, etologicamente falando, talvez tenha a função de favorecer a incorporação de novos genes às famílias que vivem isoladamente naquelas montanhas geladas.

Cumpramos ressaltar que é preponderantemente, para não dizer exclusivamente, sobre o homem, sexo masculino, que recai todo o ônus do cumprimento e das conseqüências desse tipo de código ético. Para tanto, será importante re-traçarmos os elementos essenciais das figuras masculinas que fazem parte da história sobre a qual ora nos debruçamos.

## O HOMEM

O pai é a figura central que se incumbem de manter a lei, a vendeta, a previsibilidade dos movimentos, a dureza daquele sertão. A concentração e a interdependência da atividade dos membros da família no trabalho com a cana favorecem o controle do pai, sobretudo em relação aos filhos. O “menino” traz a cana, Tonho a mói, a mãe recolhe os bagaços, o pai dá ritmo a esse ciclo, fustigando os animais. Esse *organum* em que se constitui todo o circuito de processamento da cana até a transformação num produto útil, vendável, reforça e garante o sentimento de responsabilidade de cada um dos componentes na reposição a cada dia de toda a atividade produtiva, cuja eficácia é a garantia de sobrevivência da família.

O poder do pai como mais experiente e chefe a orientar o processo submete a ação dos outros à condição de meros executores da vontade principal e única dele, cujo lastro está solidamente dependente dos condicionamentos impostos pela tradição. Em outros termos, assistimos a um vínculo familiar que se expressa no modelo patriarcal, em sua forma mais primitiva, e, apesar da rigidez com a qual avaliamos a relação familiar, lá, em seu âmbito próprio, os componentes do grupo a vêem como natural, na maior parte do tempo. O poder paterno é soberano; aos filhos cabe obedecer e nada mais. Qualquer movimento fora dessa lei rígida é punido prontamente. Cabe lembrar aqui que “o *pater familias* brasileiro, mais que um simples caudilho, foi, como seu modelo romano, centro irradiador de força estável – legítima ou não, mas sempre efetiva, que é o fato mais notável daquela organização política” (Pinto, 1980, p. 27).

Em termos genéricos, os filhos são devorados por essa lei impiedosa que



anula a renovação a qualquer custo, garantindo que tudo seja feito como sempre foi e deve continuar sendo. O panteão grego chama Crono a esse pai, aquele que devora os filhos tão logo saiam do ventre materno com receio de ser depositado por algum deles, da mesma maneira com que ele próprio, Crono, depôs seu pai Urano, castrando-o, e de cujo sangue nasceram as vingativas Eríneas, conforme citamos. Crono é o senhor do tempo, das coisas predeterminadas e programadas. Do mesmo modo, e metaforicamente, podemos conceber a bolandeira do filme como se fosse a intrincada engrenagem de um relógio e estritamente relacionada às ações automatizadas do comportamento paterno que ata a vida em volta de si, castra toda expressão criativa e impede qualquer outra manifestação vital, a não ser o ritmo do tempo determinando o cumprimento do dever.

No ritmo dessa toada, Tonho retorna a casa depois de ter cumprido a missão de matar o assassino de seu irmão e ter participado das honras fúnebres em casa do morto – como é de praxe naquelas circunstâncias. Andará com uma tarja preta no braço que denuncia a todos a sua condição de participante da vendeta. Passa a ser um homem taciturno e comporta-se como um condenado. Nesse momento, o caráter impiedoso de seu pai lhe diz: “Agora, tu precisa resolver tudo até o dia da lua. Dá um rumo nas coisa. Me ajudá na moenda. E consertá o telhado, pra se chover este ano... ademais do telhado, tem de levá a rapadura pra vender na vila”.

O filho é apenas um nome, e logo será uma presa a alimentar a maldita vendeta, a aumentar a lista de santos da família e a confirmar, com a vida, o sentido mais imediato do próprio sobrenome: Breve. Em uma estrutura tão rígida, os filhos não têm importância nesse mundo, o destaque pode se dar na participação da vendeta. No romance *Albanês*, Gjorg Berisha, após ter atirado em Zef Kryeqyq, poderia dizer que ele “tinha 26 anos e era a primeira vez que seu nome ocupava os fundamentos da vida” (Kadaré, 2001, p. 14). Isso quer dizer que a única posição de relevância que um filho pode ocupar nesse processo auto-aniquilador é a de garantia de permanência das mortes sucessivas.

O “menino”, o filho mais novo, parece não pertencer àquele lugar. Ele questiona o pai em vários momentos, é castigado por isso, tem uma postura crítica em relação à rigidez paterna. Em determinado instante, ele diz ao irmão: “— A gente é que nem os boi: roda, roda e nunca sai do lugar”. Em outro momento, diante da passagem pela estrada de um casal de brincantes, Clara e Salustiano, ele estabelece o primeiro contato extrafamiliar. Eles pedem uma informação ao “menino”, e ele, entre surpreso e maravilhado com a beleza da moça, esclarece. Como uma espécie de agradecimento, e mútua simpatia, Clara oferece a ele um livro como presente, que depois saberemos é cheio de figuras e traz a história de uma sereia e do mar. Contrariando toda a condição de vida desse menino,

ele se interessa pelo livro, vai tomando e demonstrando gosto pela observação do conteúdo do livro numa espécie de protoleitura e maravilhamento pelo inusitado e tão diferente objeto que tem diante dos olhos; o contraste aumenta ainda mais, quando lembramos que todos os traços da família dele nos levam à confirmação de que são todos iletrados. Ele se fascina vendo as imagens do mar, o que nos fornece elementos para sustentarmos o ponto de vista da situação dele como estranho àquele mundo, e sua excentricidade acabará por definir o drama.

Salustiano surge a meio caminho na história. O comportamento dele parece expressar o avesso da rotina que marca a vida dos Breves. Em determinado momento, conta ter nascido morto e que, ao resolverem dar-lhe um banho de água fria para que fosse enterrado de modo apresentável, ele despertou para a vida. Por isso, nunca toma banho, nem bebe água, só cachaça. Também não se aborrece mais com nada, pois, “para quem já nasceu morto, o pior já passou”, filosofa. Salustiano revela marcado traço cômico e atitudes sarcásticas, às vezes tendendo um pouco ao sadismo.

Tais traços talvez nos permitam concluir que esse personagem incorpora o contraponto em relação aos outros. Diante do modo de vida engessado dos demais personagens da história, esse “estrangeiro” se comporta como uma espécie de pária naquela realidade patriarcal. Comum em histórias e mitos, a figura do forasteiro que surge, geralmente de uma espécie de nada, colabora decisivamente na solução de conflitos e na mudança de estado das coisas no novo lugar em que provisoriamente se instala. Após sua passagem, nada será como antes.

A título de ilustração, pode-se citar o filme *Os brutos também amam*, de George Stevens (Estados Unidos, 1953), em que Shane, o protagonista, representa um tipo específico de estrangeiro, identificável como o “herói iniciador das condições de vida que possibilitam a formação da cultura”.<sup>2</sup> Esse tipo de herói estrangeiro costuma agir, lutar e transformar o conflito reinante no lugar por onde passa. Da mitologia grega, destacamos outro tipo de estrangeiro, Dioniso – a quem Salustiano recordava também por seu hábito etílico –, o deus que aparece, manifesta-se, faz-se reconhecer e depois se vai. Itinerante, é encontrado em todo o canto, em nenhum lugar está em casa. “Nem mesmo em um antro ou em um esconderijo na montanha, menos ainda à entrada de um santuário ou à luz de um templo urbano” (Detienne, 1988, p. 14). Esse estrangeiro não costuma ter uma ação efetiva; simplesmente surge e interage com os habitantes locais. Desse contato, algo se transforma, como se ocorresse por uma espécie de contágio. De fato, Salustiano e Clara trazem em seu aparecimento o avesso da

<sup>2</sup> Queiroz, R. S. Anotações de aula.

estagnação dos dias de trabalho incansável: o circo, o espetáculo, a festa, entendida aqui, segundo a conceituação de Rita de Cássia Amaral, como “a experimentação momentânea da sociedade sem regras, livre de um dado modo de organização, tendo a função de reiterar ou de negar o modo pelo qual uma sociedade se organiza em determinado momento histórico, através da dissolução temporária que o desregramento permite” (Amaral, 1998, p. 6). De algum modo, é daí que vem parte do apoio para a idéia de subversão, que, aos poucos, se insinuava no coração de Tonho e de seu irmão, “menino”.

Tonho passa a dar alguns sinais de desobediência. Quando vai à cidade comercializar a rapadura, num feliz acaso, topa com Clara. É um instante lancinante, em que a sugestão de paixão se instala, tanto que será justamente esse entusiasmo que o levará a ter forças para superar o medo da desobediência e fugir à noite, com o irmão mais novo, para rever Clara no circo. Outro momento que pode ser encarado como mudança de postura talvez seja a imagem dos bois andando em círculos, automatizados, em torno da bolandeira, apesar de estarem soltos. A expressão do rapaz sugere que, naquele instante, algo muito importante se reordena nos princípios de orientação de sua vida. É sob o efeito desses pensamentos que ele se ausenta de casa e vai ao encontro dos brincantes, só retornando ao se aproximar o dia do fim da vendeta, quando deverá enfrentar o algoz dos Ferreiras.

Na história albanesa, não há desobediência, nem irmão mais novo. Gjorg, o único filho vivo, apaixona-se por Diana, esposa de um escritor, e a paixão de parte a parte se mantém apenas no nível platônico até o final do romance.

A dureza do mundo masculino desse contexto, brasileiro e albanês, encontra contraponto, ou conseqüência, na reverência ao mundo dos espíritos. Isto é, o ritmo incoercível daquela vida marcada pelo compasso da bolandeira, pela brutalização de uma rotina de trabalho asfixiante e ostensiva, contrasta com a manifestação de apreço e certeza de que o que realmente importa é o mundo além-túmulo. Por outro lado, a camisa ao vento com o sangue que amarelou, marca da presença do parente assassinado, representa, aos olhos da dura tradição que analisamos, o desejo de vingança do morto. Ambas as características reforçam os contornos da imagem de determinação inflexível do processo de reposição da vingança no seio desse macabro circuito de destruição.

## A MULHER

Na sociedade patriarcal, a caracterização maniqueísta da condição feminina é tão radical quanto parece ser violenta, mais ou menos nas palavras comumen-

te utilizadas: ou é mulher direita, isto é, destinada à reprodução, ao cuidado dos filhos, da casa, e deve obediência ao marido, ou é mulher da vida, suspeita de ser meretriz, sem vínculos familiares e muito menos observadora de regras de conduta previamente estabelecidas. Nossa história não se furta a esse estereótipo. Encontramos a mãe devidamente constituída em seus afazeres domésticos, e, pelo lado oposto, Clara é a circense de vida nômade, junto com o seu padrinho-amante. A mãe, imbuída de toda a tradição da vingança, em determinada reza dedicada ao filho morto, chega a exprimir “que cada gota do seu sangue seja duas do inimigo”. Tão envolvida na necessidade de desejar sossego à alma do filho: “— Que você, meu filho, encontre a paz que não teve entre os vivos, e saia pra olhar pros seus irmão na hora deles também cumprir a sua obrigação”, a mãe não olha pelas necessidades reais dos filhos vivos. Está submetida aos valores do marido, da família, da honra e da vida após a morte. O possível e esperado estímulo que ela poderia dar aos filhos quando percebe o rumo de seu desenvolvimento parece aniquilado. Assim, quando o “menino”, fascinado pelo livro que Clara lhe dera, insiste em ler e criar histórias baseando-se nas imagens que vê, ela dispara: “— Tu não larga mais isso não, menino? Oxe! Não tá vendo que esse negócio aí faz mal pras vista?”. Clara, por outro lado, é a figura feminina comprometida com a própria vida instintiva. Simpatiza com o “menino” tão logo o vê, presenteia-o com um livro de histórias, e, em outro momento, quando a paixão por Tonho se apresenta, vai atrás dele, abandonando o antigo companheiro. É esse tipo de expressão feminina que poderá contribuir para a reversão do quadro, já que a outra, a mãe, foi completamente engolida pelo sistema castrador vigente.

## ÚLTIMA MORTE

Finda a trégua concedida pelos Ferreiras. É noite, chove, Clara chega decidida à fazenda dos Breves, à procura de Tonho. O “menino” assiste, da janela, ao encontro do casal e depois os vê desaparecerem para os lados do lugar onde preparam a rapadura. Pela manhã, vemos Clara partir, e o “menino”, ao perceber a aproximação do inimigo pelo relinchar de um cavalo, vai ao encontro do irmão ainda adormecido. Decide então tomar seu lugar, ata a braçadeira em seu próprio braço, coloca o chapéu de Tonho e sai no sentido do adversário e da própria morte, marcando com seu sacrifício o fim da vendeta. Ao se dar conta do que ocorrera, Tonho, entre surpreso e aterrorizado, corre desesperadamente e volta com o irmão morto nos braços. O pai insiste em exigir vingança mais uma vez, mas algo parece definitivamente mudado nas atitudes de Tonho.

Depois disso abandona a família e ruma para o lugar que o “menino” tanto gostaria de ter conhecido: o mar. É essa imagem de expansão dos horizontes que sela o final da história.

O sacrifício no romance albanês dá-se com o assassinato do protagonista, Gjorg Berisha, pelo herdeiro da família oponente. Kadaré descreve o desfecho de forma poética, nebulosa, sugerindo, diferentemente da narrativa brasileira analisada, a continuidade da maldição da vendeta.

No caso de *Abril despedaçado* brasileiro, tendo em vista os vários indícios resultantes da análise a que ora procedemos, somos levados a aproximar a figura do menino às características sociais e míticas dos destinados ao sacrifício. Contraposta à marca que cada personagem é obrigado a carregar sob os auspícios do próprio nome, a ausência de nome dessa figura já revelava o lugar destacado em relação ao grupo de origem: aquele que se chama “menino” deverá permanecer nessa condição ou correrá o risco de perder a identidade. Nunca chegará a ser adulto. Essa circunstância é a de uma espécie de desterrado na própria terra, um tipo peculiar de estrangeiro, tingido com as cores esmaecidas da inadaptação. Ele não pertencia àquele lugar, provavelmente fosse outro seu sertão. Em sua expressão, parecia já infiltrado o desejo de superar limites: o “menino” sempre sonhava com o mar. Em essência, o princípio motor que o leva à contestação é o mesmo que – guardadas estritamente as devidas proporções –, quando levado às últimas conseqüências, caracterizariam o tipo de voluntarismo conveniente de um verdadeiro herói. No caso do menino, o sacrifício que se auto-impõe guarda não poucas semelhanças com o que Durkheim (2000) chamou de “suicídio altruísta em estado agudo”:

[...] É um ímpeto de fé e de entusiasmo que precipita o homem para a morte. Esse próprio entusiasmo é ora alegre, ora sombrio, conforme a morte seja concebida como um meio de se unir a uma divindade adorada ou como um sacrifício expiatório, destinado a apaziguar uma força temível que se acredita ser hostil. (p. 363)

De algum modo, a condição desse personagem parece conter em síntese toda a história desenvolvida no filme: sacrifício, inconformismo, superação, ingenuidade, determinação, ternura, e, enfim, tragédia.

Complementar a tal condição, o conceito etológico de “altruísmo recíproco”, já citado, parece colaborar com a idéia de que o “menino” se sacrifica no lugar do irmão e garante assim que parte de seus próprios genes se preservem em Tonho e talvez se transmitam aos filhos dele. A justificar tal hipótese, existe primeiro a forte afeição e a admiração que o garoto tem pelo irmão, depois a certeza de que, com a sua atitude, interromperia o extermínio recíproco que, ao fim, levaria à extinção todos os envolvidos. O auto-sacrifício, nesse caso,

condensa a superação da miséria e a possibilidade de perpetuação da espécie. Tonho, por seu lado, abandonando a família, passa a assumir os traços daquilo que, segundo expressão de Roberto DaMatta (1997), são os “renunciadores”:

Neles estão rompidos os elos de ligação com o mundo social original, de modo que a renúncia constitui a negação da vingança. Pois se a vingança acaba por afirmar a violência básica e pessoalizada da ordem social, a renúncia rejeita essa violência institucionalizada e reificada como algo natural, pondo em cena as possibilidades de caminhos alternativos. [...] Ele cria e inventa novos espaços sociais. Com o renunciador, estamos no mesmo plano em que se implementa socialmente a esperança (p. 332).

## CONCLUSÃO

Toda a história aqui tratada, podemos supor, fundamenta-se na manifestação da agressividade que se perpetua num dinamismo próximo, mas pelo avesso, daquilo que Renato da Silva Queiroz chama de “princípio da reciprocidade” (Queiroz, 1995, p. 150).<sup>3</sup> Pelo avesso, porque considerarmos que, no processo da vingança, há também uma troca, mas, inversamente ao que ocorre na formação da vida social em que as duas partes envolvidas são enriquecidas pelas dádivas permutadas, nesse caso o escambo subtrai em vez de somar, e a equiparação de forças se dá visando à diminuição de recursos do oponente e pela eleição do assassinato como meio para se atingir tal fim. Com isso, o conceito de vingança redimensiona-se e envolve os traços disso que ficou definido como uma espécie de reciprocidade negativa.

No sentido da Etologia, o princípio da reciprocidade pode ser entendido como a manifestação, no plano social, do “altruísmo recíproco”. Tanto na proteção do amigo no código de ética albanês quanto no suicídio altruísta do menino na história brasileira, é ativado e sobressai o sistema funcional em questão. No primeiro caso, agindo como fundamento, na medida em que justifica a vingança; no segundo, como a solução que culmina com o sacrifício do “menino”; isso porque, de algum modo, ele nota instintivamente que pode beneficiar o grupo com a renúncia da vida. A recorrência e a importância desse sistema fun-

---

<sup>3</sup> “Fundamento maior e primeiro da vida social, que se expressa tanto na constituição do parentesco (com suas classificações, proibições e prescrições) quanto na ordenação das atividades econômicas – domínio dos intercâmbios típicos das sociedades e grupos relativamente indiferenciados, por meio dos quais, como bem definiu Marcel Mauss (1974), trocam-se antes de tudo gentilezas, ritos, festins etc., num sistema de prestações e contra-prestações em que a troca de bens constitui apenas um termo de um contrato muito mais geral e muito mais permanente”.

cional nas histórias reforçam a nossa hipótese de que é ele um dos traços essenciais na base do problema da vingança.

Além disso, notamos algo que se expressa como um tipo de módulo de comportamento, que se repete na conduta agressiva de modo geral e que se apresenta em resposta tão logo um primata humano dispare um comportamento agressivo em direção a outro. Não falamos de outra coisa senão da prontidão para o revide diante da agressão recebida. Esse comportamento pode ter sido selecionado como uma característica adaptativa das espécies com a função de proteção do grupo contra predadores. A vingança seria a ritualização e a automatização desse módulo, o que também colabora com uma redefinição dos fundamentos dessa atitude, porque, de algum modo, a desforra fortifica o agressor na justa medida em que enfraquece o oponente, ou, dito de outro modo, vingar se estrutura também sobre a idéia de “êxito na própria existência”, conforme já mencionamos.

Na história aqui estudada, observamos que, diante da preservação da força destrutiva fomentada pela velha e desgastada *secura* do pai, a presença dionisíaca de Clara e Salustiano, a cumplicidade de Tonho com essa presença, a paixão, a força de atração acenando com a reprodução dos jovens amantes e o sacrifício do “menino” foram os movimentos necessários para dar cabo da tradição da vendeta, a expressão do desequilíbrio. Há, assim, pelo menos três forças instintivas a favor da vida e contra aquela que levava à destruição.

A situação de desequilíbrio inicial pode ser entendida como a expressão de uma possibilidade de comportamento humano que leva à destruição e, por outro lado, a contraposição pela sobrevivência seria a reposição de um princípio de bondade na mesma essência humana. Estamos falando aqui dos dois princípios clássicos com os quais já se definiu a essência do homem, ora como tendo uma determinação corrompida, se não for domesticado, ora como um ser basicamente bom, se não for corrompido. As idéias aqui tematizadas nos levam a crer que o que há é uma coexistência dos dois princípios nos fundamentos da ação humana. Importa ressaltar que não se trata de uma contradição a ser resolvida ou expurgada pela escolha entre esses pólos, mas de procurar pensar sobre o solo comum que coabitam. Seja pela teoria da corrupção, seja pela teoria do bom selvagem, em ambas certa parte da cultura pode comparecer como fator de estabilização; no primeiro caso, como reformadora de uma natureza precária; no segundo, como protetora contra a decadência.

O termo cultura nessa acepção refere-se a dois aspectos principais: ao conjunto de “normas e valores morais, religiosos, éticos e jurídicos” que cumpre, em larga escala, o papel regulador do comportamento agressivo da espécie (Queiroz, 1998, p. 89). E também ao traço herdado, evolucionariamente sele-

cionado com vistas ao incremento da sobrevivência da espécie, que nos confere a condição de seres “biologicamente culturais” (Bussab & Ribeiro, 1997). Ora, se a cultura, com raízes biológicas e plasticidade comportamental, tem eficácia na temperança dos dois pólos da natureza humana, então, seja qual for o sentido que atribuímos à idéia de esperança, ela rigorosamente deverá fazer parte. A esperança que nos ocorre é a de que outros “meninos” não se sacrifiquem em um futuro despedaçado.

### Abstract

This paper presents an analysis of the film *Behind the sun*, by Walter Sales, aiming at understanding the elements that constitute the idea of revenge, based on Anthropology and Ethology. The film narrative, shot in the Brazilian hinterland, has quotations from the homonymous original novel, by Ismail Kadaré (1991), whose story unfolds in the Albanian mountains. Such device of a plot developing in two totally unlike landscapes, and including the narration of Greek myths, illustrates the universality of the *vendetta* theme and brings our survey closer to the biological vertex of human behavior. The plot also reveals different outlooks through which each culture presents, justifies and explores its eternal themes. And it is precisely in the cultural area, a trace also selected by the species, that the paper unveils the possibility of a better guiding of instinctive promptitude, such as that of revenge here investigated.

Key words: Ethology; Anthropology; Revenge.

### Referências

- Amaral, R. C. (1998). *Sentidos da festa à brasileira*. Travessia, n. 31, maio/ago.
- Aurelli, F. & De Wall, F. (2000). *Natural conflict resolution*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.
- Brandão, J. S. (1991). *Dicionário mítico etimológico*. 2. ed., v. 1. Rio de Janeiro: Vozes.
- Bussab, V. S. R. & Ribeiro, F. (1997). Biologicamente cultural. In: *Psicologia: reflexões (im)pertinentes*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Butcher, P. & Müller, A. L. (2002). *Abril despedaçado, história de um filme*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Candido, A. (1971). *Os parceiros do rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação de seus meios de vida*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades.



- Crawford, C. & Krebs, D. (1998). *Handbook of evolutionary Psychology*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- DaMatta, R. (1997). *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Detienne, M. (1988). *Dioniso a céu aberto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Franco, M. S. C. (1997). *Homens livres na ordem escravocrata*. 4. ed. São Paulo: Unesp.
- Goodall, J. (1991). *Uma janela para a vida – 30 anos com os chimpanzés da Tanzânia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kadaré, I. (2001). *Abril despedaçado*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Marques, A. C. (2002). Política e questão de família. *Revista de Antropologia*, 45(2).
- Mauss, M. (1974). Ensaio sobre a dádiva – forma e razão de troca nas sociedades arcaicas. In: Mauss, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU.
- Pinto, L. A. C. (1980). *Lutas de família no Brasil*. v. 263. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Queiroz, R. S. (1995). *A caminho do paraíso, o surto messiânico-milenarista do Catulé*. FFLCH/USP, CER. (Religião e Sociedade Brasileira, 6).
- Queiroz, R. S. (1998). Nascemos para matar? Notas sobre o comportamento agressivo. *Revista de Etologia*, (n. especial), 86-96.
- Trivers, R. (2002). *Natural selection and social theory*. New York: Oxford University Press.